

ARTÍCULOS

ARTIGOS

ARTICLES

UMA ESCUTA CONTEMPORÂNEA DO MALESTAR DAS JUVENTUDES BRASILEIRAS SEGREGADAS

UNA ESCUCHA CONTEMPORÁNEA
DEL MALESTAR DE LAS JUVENTUDES
BRASILEÑAS SEGREGADAS

A CONTEMPORARY LISTENING
OF THE MALAISE OF BRAZILIAN
SEGREGATED YOUTHS

Maria Theresa Da Costa Barros
Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro
Correio eletrônico: mtcostabarrosglobo.com
ORCID: 009-006-0646-1731

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Barros, M.T.C. (2023) Uma escuta contemporânea do mal-estar das juventudes brasileiras segregadas Intercambio Psicoanalítico 14 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.1.1/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

UMA ESCUTA CONTEMPORÂNEA DO MAL-ESTAR DAS JUVENTUDES BRASILEIRAS SEGREGADAS

Maria Theresa Da Costa Barros¹

1 Psicóloga, Psicanalista, Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro; Pós-Doutoranda da Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2016-2017); Pós-Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009), Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002), Mestre em Teoria Psicanalítica pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992).

Resumo: Pretende-se problematizar a clínica e a escuta contemporâneas do mal-estar das juventudes brasileiras segregadas, a partir da indubitável relação entre natalidade e violência. Levantamos hipóteses no sentido de positivar essas formas de subjetivação como formas de resistência ao genocídio das juventudes masculinas segregadas. Para tanto, dialogamos com autores diversos, entre eles Freud, Birman, Deleuze, Foucault, Gauchet e Guattari.

Palavras-chave: Juventudes segregadas, Natalidade, Violência, Genocídio, Transgressão e Submissão.

Resumen: La propuesta es problematizar la clínica y la escucha contemporáneas del mal-estar de las juventudes brasileñas segregadas a partir de la indudable relación entre natalidad y violencia. Levantamos hipótesis en el sentido de positivar esas formas de subjetivación como formas de resistencia al genocidio de las juventudes masculinas segregadas. Para este objetivo, dialogamos con diversos autores, como Freud, Birman, Deleuze, Foucault, Gauchet y Guattari.

Palabras-clave: Juventudes segregadas, Natalidad, Violencia, Genocidio, Transgresión y Sumisión.

Abstract: The author intends to problematize the clinic and the contemporary listening of the malaise of Brazilian segregated youths, from the undoubted relation between birth-rate and violence. We raise hypotheses intending to positivise these forms of subjectivation as forms of resistance to the genocide of the masculine segregated youths. To do so, we dialogue with various authors as Freud, Birman, Deleuze, Foucault, Gauchet and Guattari.

Keywords: Segregated youths; Birth-rate; Violence; Genocide; Transgression and Submission.

Este será teoricamente um dos maiores triunfos da humanidade, uma das liberações as mais tangíveis, ao invés da sujeição natural a qual está submissa a nossa espécie, se nós conseguirmos elevar o ato responsável da procriação ao patamar de uma ação voluntária e intencional, e a desembaraçar de sua intricação com a satisfação necessária de uma necessidade natural. Freud (1890)

Com esta citação Gauchet (2004a) abre seu ensaio, *“L'enfant du désir”*, no qual problematiza as mudanças geradas pelos avanços das ciências médicas sobre os meios de controle da natalidade e das novas tecnologias de fecundação. Embora o século XX tenha presenciado o despertar de uma psicologia da criança e da juventude – movimento ao qual a psicanálise está alinhada enquanto disciplina gêmea e rival – a chave da psicologia e da psicanálise contemporâneas está na resposta que há de ser dada às seguintes questões: o que implica, para a criança, o fato de ser causada por um desejo? Como é possível se tornar “si mesmo” se sua existência está suspensa ao desejo de outro? Essas são indagações que se encontram no coração da condição subjetiva da humanidade que acaba de chegar: as novas formas de subjetivação do século XXI (Gauchet, 2004a).

Em seu ensaio, *“Análise terminável e interminável”*, Freud (1937) demonstra que aceitou o desafio da construção de uma psicanálise mais afinada com as questões que um porvir viria a colocar. Nessa perspectiva um conceito psicanalítico fundamental é o conceito de desamparo que, ao final do pensamento freudiano, foi denominado feminilidade: o solo a partir do qual emergem as construções da subjetividade. Com os conceitos de desamparo e de feminilidade, Freud destaca que todos os seres humanos iniciam seus processos de subjetivação, supostamente, em igualdade de condições: o desamparo absoluto diante do outro que é condição *sine qua non* de sua constituição subjetiva (Freud (1895/1950). Parodiando Simone de Beauvoir (1949), podemos afirmar que “ninguém nasce humano, nós nos tornamos humanos”. Mas, segundo Mauss, não podemos tomar como garantia que as coisas irão continuar sempre assim: “a sacralização da pessoa humana encontra-se ameaçada e é nossa tarefa lutar para defendê-la” (Mauss, 1938).

Podemos então, atribuir ao ato freudiano de colocar a feminilidade como o território inaugural da subjetividade, o gesto fundador de uma psicanálise que aceitou o desafio de se defrontar com as questões que já se esboçavam no alvorecer do século XX; mas agora, emergem com força renovada nos começos do século XXI. Desde a chegada da hipermodernidade nas últimas décadas do século passado, todo esse cenário de ameaças e incertezas vem se agudizando cada vez mais, de uma forma agora global, e não mais restrita, exclusivamente, aos países da periferia do capitalismo. Na contemporaneidade, a problematização em pauta ganha velocidade, desde as novas tecnologias de inseminação artificial à revolução da informática com suas máquinas que anunciam a chegada de uma nova era, a era digital. Como afirma Deleuze (1992) “não é uma evolução tecnológica sem ser,

mais profundamente, uma mutação do capitalismo” e, conseqüentemente da subjetividade humana.

Suely Rolnik é uma autora que apresenta a proposta clínica que se pode extrair da obra de Deleuze e Guattari e que parece contemplar a realidade dos tempos atuais. Na fala de Rolnik:

Eu diria que estes autores reativam algo que se encontra no cerne da inovação que a psicanálise introduz no cenário da cultura ocidental: o esforço de colocar-se à escuta do contemporâneo, o qual implica uma indissociabilidade entre crítica e clínica. Uma prática clínica que visa desenvolver a escuta do que excede as formas de expressão de que dispomos para que se possam criar novas formas que encarnem essas transformações já havidas; tal excesso nos chega através de um mal-estar e escutá-lo passa por tratar dos obstáculos que se construiu para evitar o seu enfrentamento (Rolnik, 1995).

Essa proposta de uma prática clínica crítica, “visa fazer do pensamento uma ferramenta a serviço da criação de sentido para aquilo que o mal-estar nos indica, de modo a trazê-lo à existência” (Id., *ibid.*). No entanto, ao longo da história da psicanálise e de suas práticas, a indissociabilidade entre crítica e clínica, nem sempre foi mantida. Nesse sentido a autora considera importante que “as teorias em psicanálise devem se fazer a serviço de questões que se colocam para a subjetividade no contemporâneo, constituindo-se em cartografias das novas formas de subjetividade que se criam a partir dessa problematização” (Id., *ibid.*).

Birman, em sua conferência “Sobre o mal-estar na modernidade e na brasilidade”, afirma que em “consequência do neoliberalismo” e em virtude da “fragilidade das instituições” e do “descaso das autoridades políticas” em um “país secularmente miserável”, como é o caso do Brasil, “permeado pelas desigualdades terríficas de gozo”, todas essas condições políticas e sociais, “levaram à destruição completa milhares de pessoas”. Em suas palavras:

Em tudo isso, a marca patrimonialista do Estado brasileiro assumiu signos ainda mais agressivos e ostensivos, conduzindo ao que se pode denominar de um verdadeiro genocídio praticado pelo Estado brasileiro, centrado principalmente, é claro, nas classes populares (Birman, 2006, p. 73)

Como aponta o próprio título de sua conferência, o autor considera como imperativo uma contextualização histórica da teoria freudiana sobre o mal-estar na civilização. Ao articular a palavra mal-estar e civilização, Freud não apenas teria implodido o sentido original da palavra civilização, como evidenciou as dimensões política e social, enquanto eixos fundamentais para a devida compreensão da economia do dito mal-estar no registro das subjetividades.

Em “Feminilidade e Violência: uma questão atual”, Barros (2011), desenvolve uma cartografia do que denomino “mal-estar das juventudes brasileiras segregadas”, (Barros, 2007b).

As juventudes segregadas das favelas cariocas, por seu extremo grau de vulnerabilidade social chamam atenção para um curioso fenômeno que relaciona natalidade e violência: os jovens do sexo masculino são vítimas de verdadeiro genocídio sem proporções devido ao seu envolvimento com o narcotráfico e, em contrapartida, as jovens do sexo feminino apresentam taxas de fecundidade cinco vezes maiores do que as jovens moradoras do asfalto (Barros, 2009a).

Cano (2007), por exemplo, afirma que no mundo inteiro os jovens são os grandes protagonistas da violência, tanto como autores, quanto como vítimas. Todavia, aponta para a existência de um diferencial no Brasil: as altíssimas taxas de violência letal dos jovens do sexo masculino. Na cidade do Rio de Janeiro, entre as juventudes masculinas compreendidas na faixa etária entre vinte e vinte e quatro anos, temos a estarrecedora taxa de mais de 300 homicídios por 100.000 habitantes. Os homicídios vitimam principalmente pessoas pretas e pardas, cujo índice de homicídio representa aproximadamente o dobro do índice encontrado entre os brancos.

Em nossas pesquisas interpretamos esses altos índices de natalidade das áreas de grande concentração de pobreza como uma forma de resistência ao extermínio que vem sendo praticado contra as juventudes masculinas segregadas, na cidade do Rio de Janeiro, há pelo menos vinte anos. Essa hipótese nos conduziu a alguns questionamentos que vêm norteando nossas pesquisas desde então: quando as juventudes brasileiras segregadas estão assegurando a reprodução das gerações, apesar de toda a situação de vulnerabilidade que atravessa as suas vidas, o que isso pode significar em termos de custos sociais e de potencialidades de vidas perdidas sem perspectivas de futuro? E, há uma ignorância por parte das autoridades responsáveis, uma ausência de políticas públicas voltadas para uma escuta desse mal-estar das juventudes brasileiras segregadas.

Imperativo categórico da modernidade: seja jovem eternamente!

Para podermos melhor circunscrever a questão das juventudes como uma questão fundamental nas sociedades contemporâneas, vamos traçar um rápido panorama, em que retomaremos algumas questões levantadas por Marcel Gauchet, em seus dois artigos: *"La redéfinition des âges de la vie"* (2004b) e *"L'enfant du désir"*² (2004a). Começaremos por traçar um esboço das principais diferenças entre sociedades tradicionais e modernas, para sublinhar o aumento na velocidade dessas mudanças com a chegada do que autores como Guiddens (1991), Lipovestky (1983) e outros preferem denominar hipermodernidade.

1 "A redefinição das idades da vida".

2 "O filho do desejo".

Nas sociedades tradicionais as idades da vida fazem parte da estrutura dos laços sociais, organizados em torno dos laços de parentesco. Para isso, conta tanto uma divisão das idades quanto das gerações, apoiadas nas divisões dos sexos, para constituir a organização da sociedade e dar coesão ao tecido social. Dessa forma, os laços de sangue ficam responsáveis em manter unida a sociedade, sendo que a diferenciação de idade está comumente associada à tarefa de reprodução social e biológica.

Nas sociedades modernas há um declínio dos laços de parentesco e o relaxamento da organização em idades enquanto armaduras explícitas da sociedade. As pessoas encontram novas formas de se agruparem, seja pelas relações políticas, pelo direito, sobre a base do contrato entre indivíduos livres, pela organização econômica, pelas relações de produção e troca. As relações de parentesco, embora continuem a existir, é claro, já não participam mais do coração da ordem social.

Dito isso, vamos examinar outro aspecto relacionado a essa distinção entre sociedades tradicionais e modernas que diz respeito à questão da temporalidade.

As sociedades antigas eram constituídas como sociedades religiosas mais do que pela parentalidade; e o passado era o tempo social que dava legitimidade a essas sociedades. Esse tipo de temporalidade, presente na construção do tecido social, implicava uma corroboração da importância da autoridade dos mais velhos e anciãos, cuja função social era transmitir os legados deixados pelos ancestrais às novas gerações. Hoje, por exemplo, quando os jovens desejam saber algo, procuram no Google.

Nas sociedades modernas, depois do século XVI – ainda invisivelmente – e após o século XIX mais abertamente, o tempo social que dá legitimidade ao tecido social passa a ser o futuro – a história aberta para as mudanças que esse futuro deve encerrar. Com isso, ocorre uma transformação do ciclo da existência, pela descoberta da infância e pelo surgimento dos primeiros movimentos de uma consciência jovem, que aparecem ao final do século XVIII. Não é que a infância não fosse conhecida anteriormente, porém o que mudou foi o sentido que passou a ser atribuído a essa diferença: agora a criança passa a ser portadora de um futuro que deve ser diferente e melhor.

A chegada da década de 1970 é um marco de uma nova etapa dessa requisição do futuro e de uma promoção da individualidade sem precedentes, acarretada pelo impacto do alongamento da vida. Gauchet se pergunta: por que falarmos de uma mudança na compreensão coletiva do percurso que conduz do nascimento à morte? A resposta se encontra no fator massivo do alongamento da vida.

No Ocidente desenvolvido, entre 1900 e 2000, as pessoas ganharam cerca de mais trinta anos de vida, principalmente pelo recuo da mortalidade resultando no crescimento da longevidade final. No século XIX, houve uma explosão demográfica na Europa: a população europeia duplicou de 187 para 401 milhões de habitantes. No século XX, encontramos uma tendência ao decrescimento, no qual as taxas de fecundidade se mantiveram abaixo do limiar de renovação das gerações. A explosão demográfica do século XIX cedeu então, lugar à contração, em pleno século XX. Porém, no século XX, testemunhamos uma explosão nos tempos de vida individuais. Se por um lado, com este alongamento da vida ganhamos uma segunda maturidade, que antecede ao declínio da velhice propriamente dita, perdeu-se, entretanto, o *status* social de que gozavam os velhos e anciãos nas sociedades tradicionais.

Na sociedade moderna, o ideal de massas é ser o menos adulto possível, enquanto a juventude, mais do que uma das idades da vida, passa a ser vista como o modelo ideal para toda a existência. Com isso, a adolescência tende a perder seu caráter de transição entre a infância e a idade adulta. Ela ainda conserva sua persistência psicológica, mas o fato social da adolescência dos anos 1960 encontra-se em vias de liquidação. Atualmente, encontramos a adolescência corroída em suas duas extremidades: a infância e o modelo adulto sobre o qual estava calcada. A substituição do estado adulto pelo ideal de permanecer eternamente jovem acaba por conduzir a uma liquidação também, desse ideal de tornar-se adulto – que passa a ser concebido apenas como um estado marcado por limites, pelas necessidades de escolhas e definições e, ao contrário, o desejável agora é se permanecer sempre aberto para novas possibilidades, mudanças que estão ocasionando uma desagregação da maturidade e, embutido nessa desagregação, um desaparecimento do parentesco como ordenador social.

Tudo isso conduz Gauchet a falar de uma mudança antropológica nesses novos seres que estão chegando, aos quais denomina "*enfants du désir*" ("filhos do desejo").

Em sua perspectiva, estamos presenciando uma mudança antropológica em curso, cujas reais consequências e implicações não temos condições de avaliar. Mas um fato que se destaca num nível macrossocial é que estes filhos do desejo são, também, ao mesmo tempo filhos que estão sendo recusados. Paradoxalmente, a sociedade que coloca em seguida o modelo da criança do desejo é objetivamente a sociedade que recusa esta mesma criança. Pois segundo Gauchet, apesar de vivermos há pelo menos trinta anos em plena época das conquistas tecnológicas e avanços da medicina tanto no campo das técnicas de fecundação artificial quanto no campo de métodos seguros de anticoncepção, no panorama mundial o que se verifica é uma queda impressionante dos níveis de fecundidade, em marcha desde 1965.

Sejam lá quais forem os fatores alegados para justificar tal situação, isso não deve nos impedir de reconhecer um fenômeno sem precedentes na história e, que deveria estar no coração de uma antropologia do contemporâneo: a não reprodução espontânea de uma população ao passo que as condições de recursos e segurança não poderiam ser mais favoráveis.

Então, na contemporaneidade a taxa de renovação das gerações se situa a 2,1 filhos por mulher, todavia, ela caiu a 1,3 no Japão e Alemanha, e a 1,1 na Espanha; na Itália, em certas regiões degingolou para 0,8. A partir do lançamento das tendências atuais, a população da Itália deveria passar dos 55 aos 20 milhões de habitantes ao final do século XXI, enquanto a do Japão passaria de 125 milhões a 50 milhões.

Dessas evidências Gauchet tira as seguintes conclusões; desde que os indivíduos são colocados em posição de escolher fazer ou não crianças, primeiro são muito numerosos os que não querem fazê-las; em seguida, a escolha de procriar conhece uma redução drástica, de tal sorte que no total, a coletividade não chega ao número de nascimentos que lhe seriam indispensáveis para simplesmente se perpetuar de forma idêntica. É possível que a continuidade da história conduza a essa constatação das proporções de um fenômeno conjuntural; em função disso, somos obrigados a fazer uma leitura da resultante estrutural da mudança de regime da reprodução humana. Gauchet considera que há sentidos a serem agregados a esta miríade de microdecisões individuais sob a forma de qualquer coisa como o espírito objetivo de uma época. Nesses começos do século XXI, uma crise sem precedentes parece ter se abatido sobre todos nós. Nossa cultura expressa uma recusa profunda disto que representa a criança na escala da espécie: a chance de um futuro além do presente.

Remando contra a maré: a esperança de um futuro melhor?

Bem, a partir desse cenário, traçado por Gauchet, incluindo uma amostragem significativa dos índices de fecundidade na Europa e no Japão, julgamos oportuno problematizarmos a diferença nos índices de natalidade entre dois grupos distintos das juventudes femininas brasileiras: as juventudes femininas brasileiras segregadas, moradoras das favelas cariocas e as juventudes femininas não segregadas, moradoras dos bairros do asfalto. Que sentidos podem ser atribuídos a essas diferenças? Sabemos que a diferença na taxa de natalidade entre mulheres na faixa de 40 a 45 anos, moradoras das favelas e as mulheres moradoras dos bairros do asfalto é duas vezes maior; porém, quando verificamos esta diferença entre as juventudes femininas moradoras dessas duas áreas bem diferenciadas na cidade do Rio de Janeiro, constatamos que essa diferença sobe pelo menos para cinco vezes mais (Néri, 2008). Logo, estes altos índices de natalidade onde as condições de recursos e segurança são as mais precárias, justamente incide em maior escala nessa parcela da população que por sua própria condição apresenta maior vulnerabilidade e imaturidade tanto biopsíquica quanto cultural e social.

Como acabamos de ver, ao contrário da realidade dos altos índices de natalidade das favelas cariocas, principalmente das suas juventudes, o que tem sido observado em relação aos países da Europa e da Ásia é que os índices de fecundidade já não são capazes de garantir a reprodução das gerações. Se devido às novas tecnologias de fecundação e de controle seguro da natalidade, todos esses avanços tecnológicos conduziram a que nos países e nas camadas sociais mais favorecidas houvesse uma clara tendência à diminuição nos índices de fecundidade, apesar de todas as condições favoráveis de recursos e segurança, nos perguntamos: por que será que ocorre justamente o contrário nas favelas cariocas, que são áreas de grande concentração de pobreza e onde há total escassez de recursos e de segurança?

Apesar dessas constatações, em nossas pesquisas, (Barros, 2009a; 2009b), voltadas particularmente para as juventudes femininas brasileiras segregadas, a partir do contexto sócio-político e econômico da cidade do Rio de Janeiro, nossa hipótese de trabalho se orientou na direção do que pode haver de positividade nestes índices: como desejo de afirmação da sacralidade da vida humana e da esperança de um futuro melhor. A partir então, dessa indubitável correlação entre natalidade e violência, pensamos que esses altos índices de natalidade das áreas de grande concentração de pobreza apontam para produção de novas formas de subjetivação que se constituem como formas de resistência ao extermínio que vem sendo praticado contra as juventudes masculinas brasileiras segregadas, há pelo menos vinte anos na cidade do Rio de Janeiro.

Essa constatação de que as juventudes brasileiras, especialmente, as juventudes brasileiras segregadas, estão remando contra a maré, tanto no sentido local quanto no sentido global, entretanto, levanta algumas indagações.

Porque, apesar de toda a falta de recursos e segurança que imperam em seus ambientes de moradia, podemos atribuir a esses altos índices de natalidade entre essas juventudes um desejo de futuro. Mesmo não possuindo garantias de educação, de segurança e estabilidade em seus locais de habitação, ainda assim as juventudes brasileiras segregadas estão sendo responsáveis em assegurar a reposição das gerações brasileiras para o final do século XXI. Então, com toda essa precariedade que atravessa suas vidas, o que isso tudo pode estar significando em termos de custos sociais e de potencialidades de vidas sem perspectivas de um futuro com dignidade? Porque será, que na sociedade brasileira atual, a garantia de reprodução biológica, cultural e social de sua população está recaído sobre a sua parcela mais vulnerável? Parcela esta constituída pelas juventudes brasileiras segregadas, que vivem nas periferias das grandes metrópoles brasileiras, e na cidade do Rio de Janeiro, nessas áreas de grande concentração de pobreza denominadas favelas cariocas. Áreas que estão incrustadas nos morros que se espalham por todos os bairros da cidade. Que projetos de futuro essas juventudes brasileiras segregadas estão construindo em suas perspectivas de vida? Que diferenças podem ser identificadas entre os projetos

de vida das juventudes segregadas e das juventudes não segregadas? Essas são algumas das perguntas que temos nos feito ao longo desse percurso e no projeto de pesquisa, “Questões da subjetividade e suas vicissitudes na adolescência em risco”, que representa uma linha de continuidade nesse campo de investigação sobre as relações entre juventudes, feminilidades e violências.

No Brasil, de acordo com o censo do IBGE (2000), existem 35.287.882 adolescentes de 10 a 19 anos, o que corresponde a cerca de 20% do total da população, sendo que metade deste percentual pertence ao sexo feminino. Os problemas de saúde mais frequentemente apresentados estão relacionados ao exercício sexual, em que a principal causa de internação deve-se a complicações da gravidez, do parto e do puerpério.

Em relação à redução de fecundidade na população feminina em geral, esta não foi observada na mesma intensidade entre os 15 e 19 anos e não ocorreu no grupo adolescente menor de 15 anos. A feminização da AIDS se dá especialmente na faixa etária mais jovem, e, só fez crescer em todos os municípios brasileiros, desde o início dessa epidemia, na década de 1980 até a atualidade.

Porém, nossa questão concerne à seguinte pergunta: até que ponto, este alto índice de natalidade nas favelas cariocas na adolescência em risco e menor de 15 anos, aponta para processos de subjetivação que podem estar sendo constituídos como forças de transgressão/resistência ao genocídio e ao extermínio que vêm sendo praticados nestes últimos vinte anos contra as juventudes masculinas moradoras das favelas? Ou se configuram como forças de submissão/servidão ao padrão cultural que afirma que o destino da feminilidade é a maternidade, tudo isso em pleno século XXI? Fato é que, nesses últimos vinte anos na cidade do Rio de Janeiro, as juventudes masculinas moradoras das favelas morrem tragicamente, muito mais do que nos países em guerra, em sua maioria por motivos externos, entre os quais o principal é por ferimento à bala.

Um objetivo do projeto de pesquisa “Questões da subjetividade e suas vicissitudes na adolescência em risco” é o desenvolvimento de ferramentas teóricas, práticas e metodológicas para uma crítica cultural e clínica social preocupada com as juventudes brasileiras segregadas. É indubitável que não se pode dissociar crítica e clínica quando se trata de atender às juventudes brasileiras segregadas, como tivemos oportunidade de experimentar ao desenvolver como parte de nosso projeto de pesquisa, o projeto de extensão: “Quem não chora não mama: grupos operativos focados na relação mãe-bebê”, com mães-adolescentes em situação de acolhimento,

entre junho de 2012 a março de 2015 (Barros & Silva, 2013). No caso dessas mães-adolescentes acolhidas, que futuro elas podem esperar para si mesmas e para seus bebês, se nem o Estado³, nem a família são capazes de prover um mínimo de condições que possam assegurar-lhes uma perspectiva de futuro com dignidade? Em “Maternidades, Violências e Feminilidades: um diálogo transdisciplinar”, Barros *et al* (2015) nos perguntamos então, o seguinte:

As juventudes femininas brasileiras segregadas querem provar, na contramão de todo o movimento feminista que, afinal de contas, o velho professor Freud não estava de todo errado quando afirmou que um dos destinos da feminilidade é a maternidade. Mas ainda assim, não parece surpreendente que em pleno século XXI essas jovens, moradoras justamente das áreas de maior concentração de pobreza da cidade, tenham como opção preferencial na adolescência, a maternidade? (Barros et al, 2015)

Cartografia das formas de subjetivação das juventudes femininas brasileiras segregadas como formas de resistência: transgressão ou submissão?

Consideramos relevante essa problematização e reflexão sobre a produção das formas de subjetivação das juventudes femininas brasileiras segregadas e, conseqüentemente, das estratégias e ações necessárias desenvolvidas pelas práticas psi visando a indissociabilidade entre crítica e clínica na escuta do mal-estar contemporâneo dessas juventudes. Para pensar essa produção de subjetivação das juventudes, tomamos como esquema conceitual referencial teórico de trabalho, uma articulação da leitura da teoria freudiana da sublimação realizada por Birman (2002), com a teoria das formas de subjetivação em Foucault e Deleuze (1992b). De acordo com essa leitura, a primeira concepção freudiana da sublimação possibilita pensar a produção de subjetivações marcadas por formas de submissão às exigências da cultura; enquanto a segunda concepção permitiria pensar a produção de subjetivações marcadas por formas de transgressão a essas mesmas exigências culturais. Como uma primeira conexão desta articulação, retomamos as concepções de Deleuze e Foucault sobre as formas de subjetivação, nas quais a idéia de uma “operação artista” parece insistir nesta nova concepção do eu, nas palavras de Deleuze:

O que Foucault diz é que só podemos evitar a morte e a loucura se fizermos da existência um modo, uma arte. É idiota dizer que Foucault descobre ou reintroduz um sujeito oculto depois de tê-lo negado. Não há sujeito, mas

3 Em toda a cidade do Rio de Janeiro só existe uma Instituição de Acolhimento com um Projeto para Mães Adolescentes (PMA), o qual só oferece dez vagas; isso para uma população de mais de seis milhões de pessoas.

uma produção de subjetividade: a subjetividade deve ser produzida, quando chega o momento, justamente porque não há sujeito. E o momento chega quando transpomos as etapas do saber e do poder; são essas etapas que nos forçam a colocar a nova questão, não se podia colocá-la antes. A subjetividade não é de modo algum uma formação de saber ou uma função de poder que Foucault não teria visto anteriormente; a subjetivação é uma operação artística que se distingue do saber e do poder, e não tem lugar no interior deles (Deleuze, 1992).

É nessa idéia da subjetivação como uma operação artística que se distingue do saber e do poder que vemos uma articulação possível com as duas teorias freudianas da sublimação, como ferramenta teórica que nos permite pensar a constituição dessas formas de subjetivação, ora como formas de transgressão, ora como formas de submissão. Para delinear tal articulação, procuramos fazer uma relação com aquilo que, em “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud denomina pulsão de saber:

Ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança alcança seu primeiro florescimento, entre os três e os cinco anos, se inicia nela também aquela atividade que se adscrive à pulsão de saber ou investigar. A pulsão de saber não pode computar-se entre os componentes pulsionais elementares nem se subordinar de maneira exclusiva à sexualidade. Sua ação corresponde, por uma parte, a uma maneira sublimada de se apossar e pela outra, trabalha com a energia da pulsão de ver. Embora os vínculos com a vida sexual tenham particular importância, pois através da psicanálise temos averiguado que a pulsão de saber das crianças recai, em forma insuspeitadamente precoce e com inesperada intensidade, sobre os problemas sexuais, e é talvez ainda despertada por estes (Freud, 1905).

Uma vez que a pulsão de investigar está enlaçada com interesses sexuais, na ocasião em que o período de investigação sexual infantil é encerrado por uma onda de enérgico recalque sexual, ocorrem três vicissitudes possíveis para essa pulsão: na primeira, temos um tipo de inibição neurótica, em que o apetite de saber permanece inibido e limitado, talvez para toda a vida; no segundo tipo, ao invés da inibição, vamos ter uma sexualização do pensamento, e as operações intelectuais vão ser coloridas com o prazer e a angústia dos processos sexuais propriamente ditos. O terceiro tipo é considerado por Freud de forma bastante original, diante de tudo o que havia formulado até então sobre a sublimação:

(...) o mais raro e perfeito em virtude de uma particular disposição, escapa tanto da inibição do pensar como da compulsão neurótica do pensamento. Sem dúvida também aqui intervém o recalque do sexual, porém não consegue jogar ao inconsciente uma pulsão parcial do prazer sexual, senão que a libido escapa ao destino do recalque, sublimando-se desde o começo mesmo em um apetite de saber e somando-se como reforço a vigorosa pulsão de investigar (Freud, 1910).

Podemos, a partir das considerações acima esboçadas, pensar em duas matrizes de constituição das subjetivações, como variações dos graus de imbricação e desimbricação das pulsões eróticas e agressivas: a primeira, que se caracterizaria como formas de submissão às exigências da cultura, com o predomínio dos processos de dessexualização pulsional, cuja energia passaria assim a poder ser dirigida para fins mais elevados propostos às subjetividades; e uma segunda, que se caracterizaria por formas de transgressão como formas de resistência, em que sublimar e erotizar não constituiriam destinos opostos nem contraditórios. O primeiro tipo será denominado operação religiosa em contraste ao segundo, operação artista.

Talvez promover uma mobilidade entre essas duas possibilidades de subjetivação e outras, mais ainda..., constitua estratégia possível de desconstrução dos estigmas e traumas sociais que marcam essas subjetividades em suas dimensões política, social e cultural. Em sua 34ª. conferência: “Esclarecimientos, aplicaciones, orientaciones”, Freud (1932) nos fornece indicações preciosas acerca da gênese e prevenção do desamparo e da criminalidade nas juventudes, em que afirma que “a psicanálise haverá cumprido sua tarefa se os deixa mais sadios e produtivos possíveis”. Logo, pensamos que a construção de ferramentas teóricas que permitam pensar uma crítica cultural e clínica social deve estar voltada para acolher e fazer fluir essas diferentes intensidades, e isso “num nível imediato, vital” (Deleuze, 1992).

Referências

- Barros, M.T.C. & Santos, N.T.G. & Ribas, L. (2015) *Maternidades, Violências e Feminilidades: um diálogo transdisciplinar*. (no prelo).
- Barros, M. T. C. & Silva, J.C.B. (2013) Mães-Adolescentes Abridadas: onde começa a questão de gênero, onde termina a problemática da visibilidade social de sua condição de desamparo? Trabalho apresentado no Simpósio temático 102 – Psicologias, Gêneros e Processos de Subjetivação do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos – realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, de 16 a 20 de setembro, em Florianópolis.
- Barros, M.T.C. (2011) “Feminilidade e violência: uma questão atual” Conferência apresentada no Colóquio Internacional “Atualidade das Perversões”, promovido pelo Espace Analytique e Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, em São Paulo, de 24 a 26 de agosto de 2007, publicada nos *Cadernos de Psicanálise: Violência e seus destinos na psicanálise. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro – CPRJ*, Rio de Janeiro, vol. 33, n. 24, pp. 53-77, 2011.1.
- _____ (2009a) “Natalidade e Violência: uma problemática das relações entre juventudes, feminilidades e violências” *In Saúde & Adolescência* _ Revista Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente, NES/UERJ; outubro, n. 4, vol. 6.
- _____ (2009b) “Desamparo e mal-estar das juventudes femininas brasileiras segregadas: uma contribuição ao debate” *In Revista Eletrônica Epos*. www.uerj.br/~epos/

revistaepos.org.

- _____. (2007a) "Juventudes, Capitalismos e Processos de Subjetivações", Trabalho apresentado na Jornada Interna do Espaço Brasileiro de estudos Psicanalíticos em 10 de novembro.
- _____. (2007b) "Mal-estar das Juventudes Brasileiras Segregadas", Trabalho apresentado na sexta Jornada do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos - EBEP, na Mesa Redonda Juventudes Segregadas, em 25 de maio, Rio de Janeiro,
- Beauvoir, S. (1949/1980) *O segundo sexo*. Simone de Beauvoir; tradução de Sérgio Milliet. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Birman, J. (2002) "Fantasiando sobre a sublime ação" In: Bartucci, G. (Org.). *Psicanálise, Arte e Estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro. Imago, p. 91.
- _____. (2006) "Sobre o mal-estar, na modernidade e na brasilidade" ---" In Arquivos do mal-estar e da resistência -Joel Birman Rio de Janeiro: Civilização Brasileira -, pp. 57-77-.
- _____. (2004) "Excesso e ruptura na subjetividade hipermoderna". In: *Cadernos de Psicanálise: Os sentidos do Corpo*. Ano 26, nº17. Rio de Janeiro, Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, p. 175-195.
- Cano, I. (2007) "Violência estrutural e suas repercussões na juventude" In Taquette, Stella R. *Violência contra a mulher adolescente/jovem* Stella R. Taquette, organizadora; Rio de Janeiro: Eduerj.
- Deleuze, G. (1992a) "Post-Scriptum sobre as sociedades de controle" In *Conversações*. 1972-1990. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34.
- _____. (1992b) Um retrato de Foucault. Entrevista a Claire Parnet (1986) In *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, pp. 127-147.
- Freud, S. *Proyecto de Psicología* ([1895/1950]1989) In Freud, S. *Obras Completas* Vol. I, Buenos Aires: Amorrortu Editores, pp. 362-363.
- _____. (1898/1989) "La sexualidad en la etiología de la neurosis" In *Obras Completas*. Vol. III; Amorrortu Editores; pp. 253-276.
- _____. (1890-1920) "A sexualidade na Etiologia das Neuroses", trad. Fr. Dans *Résultats, idées, problèmes*, I, Paris, PUF, 1984, p. 89 Apud Marcel Gauchet, (2004) *L'Enfant du désir*, In *Le Débat*, n. 132, nov.-dec, pp. 98-121.
- _____. (1905/1989) "Tres ensayos de teoria sexual" In *Obras Completas*. Vol. VII; Amorrortu Editores; pp. 109-224.
- _____. (1908/1989) "La moral sexual 'cultural' y la nervosidad moderna" In *Obras Completas*. Vol. IX; Amorrortu Editores; pp. 159-181.
- _____. (1910/1989) "Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci" In Freud, S. *Obras Completas*. Vol. XI; Amorrortu Editores; pp. 53-127.
- _____. (1930[1929]/1989) "El malestar em la cultura" In *Obras Completas*. Vol. XXI; Amorrortu Editores; pp. 57-140.
- _____. (1933 [1932]/1989) *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis – 34ª conferencia. Esclarecimientos, aplicaciones, orientaciones* In *Obras Completas*; Vol. XXII; Amorrortu Editores; pp. 126-145.
- _____. (1937/1989) *Análisis terminable e interminable* In *Obras Completas*; Vol. XXIII; Amorrortu Editores; pp. 211-254.
- Gauchet, M. (2004a) "L'Enfant du Désir" in *Le Débat*, n. 132, nov.-dec., pp. 98-121.
- _____. (2004b) "La redéfinition des âges de la vie" In *Le Débat: histoire, politique et société*, n. 132, nov.-déc, pp. 27-44.
- Giddens, A. (1991) *As consequências da modernidade*. Anthony Giddens; tradução Raul Fiker. – São Paulo: Editora Unesp.
- Lipovetsky, G. (1983) *L'ère du vide. Essais sur l'individualisme contemporain*. Paris: Éditions Gallimard.
- Mauss, M. (1938/1974). Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção de eu. In Mauss, Marcel. *Sociologia e antropologia*, vol. 1. São Paulo: EPU/EDUSP.
- Néri, M. (2008) *Retrato do presidiário paulista*. Disponível em: URL: <http://www.fgv.br/cps>.
- Rolnik, S. (1995) "Ninguém é Deleuziano". Entrevista à Lira Neto e Silvio Gadelha, originalmente publicada com este título In *O Povo, Caderno de Sábado*: 06, Fortaleza, 18/11/95; com o título "A inteligência vem sempre depois" In *Zero Hora, Caderno de Cultura*. Porto Alegre, 09/12/95, p. 8; e com o título "O filósofo inclassificável" In *A Tarde, Caderno Cultural*: 02-03. Salvador, 09/12/95.

VOLVER AL INDICE